

Em Tese

A ÉTICA DO CUIDADO

Care Ethics
La ética del cuidado

Brenda Gonçalves Andujas
Doutoranda em Sociologia e Ciência Política 
Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Ciência Política (PPGSP)
Universidade Federal de Santa Catarina
brendaandujas@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-8681-5136> 

BRUGERÈ; Fabienne. **A Ética do cuidado**; Tradução Ercile Vita. São Paulo: Editora Contracorrente, 2023.



PALAVRAS-CHAVE: Ética. Cuidado. Vulnerabilidade.

KEYWORDS: Ethic. Careful. Vulnerability

PALABRAS CLAVE: Ética. Cuidado. Vulnerabilidad.

As tarefas referentes ao cuidado que costumam ser ocultadas e invisibilizadas, devem ser reconhecidas como condição fundamental para atividade econômica. Uma ética do cuidado busca promover o reconhecimento da delegação do cuidado por meio de uma ética que faz pensar na complementaridade entre o público e o privado. Renovando, assim, o problema do laço social por meio da atenção aos outros, por meio do cuidar e do cuidado mútuo, da solicitude ou da preocupação com os outros. Estes comportamentos apoiados em práticas, coletivos e instituições buscam combinar vulnerabilidade e a relacionalidade, em termos de dependência e interdependência.

Brugére apresenta três níveis de argumentação para o estabelecimento de uma ética do cuidado em: a voz invisível de quem cuida e recebe cuidado e as desigualdades de gênero; o cuidar da vulnerabilidade e das grandes dependências; a possibilidade de políticas públicas adaptadas e novos regimes de proteção dos indivíduos para promoção de uma igualdade real entre homens e mulheres.

Para ela, a ética do cuidado é antes uma revolução feminista teórica e prática que busca que ouvir as vozes silenciadas das relações de cuidado que costumam ser ignoradas, diminuídas e desprezadas. A fim de pensar uma ética de igualdade de vozes centrada no desenvolvimento moral sobre a compreensão das responsabilidades partilhadas e das relações humanas. Em oposição à dominação masculina, por meio de uma moral ancorada no raciocínio lógico. No entanto, as mulheres se tornam seres vulneráveis pois lhe faltam poder e capacidade de fazer com que seus critérios sejam reconhecidos.

Como as mulheres costumam ser colocadas em uma identidade intangível com uma existência determinada, continuam sendo mantidas distantes da vida pública devido a estratégia política que retoma a expressão de uma natureza feminina dominada. O pensamento maternal feito de tempo de discernimento, reflexão e emoção continua nas vozes silenciadas das mulheres. A maternagem, que precisa ir além do gênero, traz um modo de pensar que enfatiza a atenção aos mais frágeis, a proteção, o cuidado e a manutenção dos laços afetivos, geralmente atribuídos a mãe, em contraposição as diferenças de posição, e à autoridade, potencialmente injusta e abusiva.

As teorias da justiça não conseguem perceber os sentimentos e as ligações que atravessam o espaço familiar, onde as crianças se encontram em um devir. Nem estabelecer um lugar para relações assimétricas entre pais e filhos, bem como entre o pai

e a mãe, e os demais membros de uma família. Então, seria necessário repensar a família como um lugar de relações que são ao mesmo tempo públicas e privadas, ao levar em conta tudo que escapa as instituições e passa por relações pessoais envolvidas por normas de poder.

Assim, a ética do cuidado se ancora ao mesmo tempo na possibilidade da escuta, da relacionalidade e de um senso de atenção. Assim, se torna necessário abandonar a ideia de uma bondade altruísta para desenvolver uma verdade prática, que revela um eu interdependente preocupado, ao fazer coincidir senso de responsabilidade e atenção com o outro. Surge então uma ética de responsabilidade que se distingue do sacrifício em si, permitindo que se saia de uma posição individualista entre o eu e o outro, em favor da consideração de uma perspectiva de interdependência e de cooperação.

A ética, ao contrário da moral, nunca é uma questão totalmente racional, com a solicitude e o cuidado, ela prioriza a necessidade e a atenção com o outro, e em seu direito de resposta. Pensando em abordagem ética da vulnerabilidade que se preocupa com a singularidade do outro, desfazendo qualquer atitude de voluntarismo ou agressividade, ao deixar de lado os objetivos egoístas de preservação do eu. Para a introdução da singularidade nas práticas de cuidado deve-se levar em conta as narrativas e experiências particulares. Ao contrário de uma visão política social impessoal, que ignora a trajetória individual. Fazendo do ato de cuidar uma maneira de restabelecer a ligação dos indivíduos consigo mesmos e com os outros, a partir da restauração do amor próprio e do desejo de fazer e de ser.

Enquanto a ética está associada à preocupação consigo e a preocupação com o outro, reconhecendo que muitas relações humanas são assimétricas, já que algumas pessoas precisam de mais atenção e proteção. As práticas de cuidado têm como finalidade um retorno ao empoderamento dos sujeitos esquecidos ou negligenciados pelos centros de poder. Pois a vulnerabilidade sempre torna possível o abuso do poder na medida que a capacidade de resposta da pessoa que recebe o cuidado não se estabelece dentro de uma reciprocidade entre iguais.

Para a autora, a teoria de Rawls não concede lugar às relações de dependência, que escancaram a vulnerabilidade humana e as situações de injustiça. As relações de cuidados são consideradas como o infrapolítico, pois não se desenvolvem de acordo com os laços de justiça determinados pela reciprocidade entre pessoas livres e iguais. Entretanto, o ser humano não é somente um ser racional ou um sujeito de direitos, é também uma pessoa em potência, que poderá ter seu desenvolvimento impedido, por

serem fundamentalmente vulneráveis. Entretanto, algumas pessoas são tão frágeis corporal e mentalmente que sua dependência nunca chega a se estabelecer enquanto interdependência, no sentido de uma relacionalidade recíproca. Assim, a interdependência não pode ser o ideal de emancipação de lutas contra a dependência.

Neste sentido, a ética do cuidado deve ser entendida como uma teoria crítica que denuncia e exibe os procedimentos que institui a marginalização do cuidado para com os mais vulneráveis, bem como o reconhecimento de suas práticas, das pessoas e das instituições que devem assegurar esse tratamento social. A dependência deve ser entendida como sendo objeto de relações delicadas e ambíguas, que necessitam da ajuda de pessoas, associações e das instituições. Ao mesmo tempo que todos e todas que praticam o cuidado e tornam possível a manutenção do laço de ajuda mútua, de solidariedade e de cuidado, costumam ter as vozes silenciadas, participam pouco da esfera pública, são mal remunerados e reduzidos à dedicação gratuita e solitária no espaço privado.

Para que possamos realizar um bom cuidado este deve ser ancorado em uma nova organização das atividades inerentes ao cuidado, ao trabalho social, à educação, e todos os demais campos que comportam a preocupação com o outro. Além disso, deve pensar na disponibilidade dos cuidadores, por meio de uma conciliação entre a capacidade e a atividade a ser desempenhada. Essa disponibilidade atenta dos cuidadores se constrói por meio do respeito à especificidade do trabalho de cuidar que compreende uma relação com o tempo, que é estruturado pelas incertezas das vidas humanas.

Para Brugerè, a gramática da ética do cuidado é constituída pela atenção, a responsabilidade, a competência e a capacidade de resposta, por meio da qual a disposição continua a ter o seu papel. Trata-se, portanto, de um deslocamento das fronteiras entre os conceitos de dependência, de interdependência, de vulnerabilidade e de autonomia. A igualdade deve também ser objeto de um tratamento renovado, pois a realidade do cuidado desenvolve relações desiguais ou assimétricas entre seres concretos, determinados e diferentes entre si. Sendo assim, a vulnerabilidade destrói o mito de que todos são cidadãos iguais, racionais e autônomos.

Tendo isso em vista, a teoria do cuidado não pode se reduzir a práticas e atitudes, a uma solicitude e uma preocupação com os outros que definiria uma única norma comportamental. Não deve ser apenas uma análise de um fazer individual determinado por relações assimétricas, mas ser analisado pela referência ao trabalho, e às profissões

relativas ao cuidado, no seu sentido mais amplo, levando em conta a questão das competências e de uma economia do cuidado.

Sendo assim, o cuidado se torna uma questão central para repensar as separações entre público e privado, ao problematizar a organização histórica das esferas domésticas e produtivas que conferiu às práticas de cuidado às mulheres. Para a ética do cuidado, a transformação da sociedade supõe ao mesmo tempo uma luta política feminista e uma crítica social da economia de mercado. Trata-se de uma ética que busca emancipar as mulheres como as únicas responsáveis às tarefas de cuidado, e transformar as relações assimétricas ao reelaborar a noção de proteção, sem sufocar a capacidade de agir da pessoa protegida.

A política do cuidado começa por tornar político o infrapolítico, ao dar novos direitos, o direito de receber cuidados e de ser verdadeiramente reconhecido em uma relação dedicada aos outros, para o bom funcionamento da sociedade. Para isso, é necessário que exista políticas públicas atentas à expressão da capacidade de agir dos cidadãos, coletiva e individualmente. Um estado conforme o cuidado não se faz sem a sociedade civil, compreendida em toda sua pluralidade. Seria preciso recomeçar a partir das diferenças, sem renunciar a construção de um mundo em comum, ao desenvolver um poder de criação da sociedade, contra os riscos de uma sociedade excessivamente homogênea, que continua aprisionada em normas e regras que mantém a reprodução social do patriarcado.

NOTAS

Brenda Gonçalves Andujas

Doutoranda em Sociologia e Ciência Política

Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Ciência Política (PPGSP)

Universidade Federal de Santa Catarina

brendaandujas@gmail.com

• <https://orcid.org/0000-0001-8681-5136>

LICENÇA DE USO

Os autores cedem à **Em Tese** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution 4.0 Internacional \(CC BY\)](#). Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política. Publicado no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

HISTÓRICO

Recebido em: 07/06/2024

Aprovado em: 07/06/2024

Publicado em: 05/08/2024

